



"NUANCES": A PRESENÇA DA MÚSICA BRASILEIRA NA CULTURA ESPANHOLA E VICE-VERSA – UMA ENTREVISTA COM FERNANDO DE LA RUA

Egisvanda I. A. Sandes*

Chico Max**

Uma das principais características da vida moderna é o estreitamento das fronteiras, sobretudo culturais, entre os diversos países, principalmente entre os países hispânicos em geral.

A velocidade na veiculação das informações, por exemplo, contribui muito para que haja essa proximidade, o que não significa que a aceitação do outro seja completa. Os meios de comunicação, embora sejam fundamentais para divulgar

vários aspectos relacionados à história e à cultura dos povos, também fazem com que o afã de mudança e o desejo de desestruturar certas formas e normas estabelecidas socialmente sejam aspectos representativos dessa nova concepção de vida.

No entanto, esse feito traz consigo o efeito de generalização, responsável por uma série de estereótipos e, conseqüentemente, por uma banalização que não permite compreender o outro em sua totalidade. Essas particularidades fazem parte do pensamento atual, que, por ser inato da contemporaneidade, tem sido contradito, muitas vezes, sem intenção, nas pequenas ações de seus representantes.



* Egisvanda I. A. Sandes é professora de língua espanhola e cultura hispânica na Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM) e doutoranda da Faculdade de Letras da Universidade de São Paulo, na área de fonética e fonologia da língua espanhola e de aquisição de sons em língua estrangeira por estudantes brasileiros.

** Chico Max é diretor de arte e fotógrafo autodidata. Tem 38 anos e atua na área editorial desde 1986. Participou ativamente em redações das revistas *Playboy*, *Globo Ciência*, *ShowBizz*, *Caros Amigos*, entre outras. Em 2002, fundou o estúdio Chico Design, onde desenvolve projetos editoriais customizados como a *Revista V*, da Volkswagen, e *Nestlé com Você*, da Nestlé.

São vários os exemplos que podem ser dados sobre essas atitudes relacionadas, especialmente, às questões culturais. Entre esses exemplos, está São Paulo, considerada como uma metrópole mundial, como um dos maiores canais de divulgação da diversidade da cultura brasileira; principalmente por sua característica primordial: capital econômica do país e, portanto, visitada por turistas de todo o mundo. Outro importante ponto de referência de divulgação cultural é a capital espanhola, Madri, que pode ser considerada uma das grandes metrópoles do país, segundo o conceito de metrópole discutido por Azevedo (1998), em seu texto "Uma idéia de metrópole no século XIX". De acordo com esse autor, alçam à condição de metrópole cidades que inauguram "novos comportamentos, modas, modos e até mesmo uma nova gestualidade", que deixam de ser a capital somente do país e passam a ser capitais mundiais, representando, assim, o país como um todo para o exterior.

São muitos os aspectos que ligam Brasil e Espanha e, mais especificamente, São Paulo e Madri, e, mais intrinsecamente, no que se refere a questões culturais. Embora não sejam as únicas representantes culturais de seus países, através dessas cidades há um grande intercâmbio de ritmos e de músicas. O resultado, por exemplo, é a presença da música espanhola na cultura brasileira e vice-versa.

Breves períodos de vivência nessas duas cidades são suficientes não só para perceber a grande difusão cultural e, conseqüentemente, a fusão de diversas culturas – até mesmo por conta do grande fluxo de turistas e imigrantes de todas as partes do mundo –, mas também para reconhecer o movimento de integração cultural, embora este não signifique aceitação do outro, ou seja, o reconhecimento da alteridade. Esta, segundo Laplantine (2000, p. 21), é uma experiência que se adquire com "o conhecimento (antropológico) da nossa cultura", e, para isso, é imprescindível o "conhecimento das outras culturas", como forma de "reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única".



Desse modo, o processo de fusão é comum e muito presente na arte e na fala de grandes representantes da cultura brasileira, como é o caso de Fernando de la Rúa. Natural de Itapeva, interior de São Paulo, filho de pai espanhol e mãe brasileira, Fernando começou a tocar violão aos 15 anos de idade. Inicialmente, seu contato foi com a música popular brasileira, inspirado por sua mãe que gostava de música de raiz e com quem teve os primeiros contatos com o violão; o gosto pela música espanhola vem de seu pai, que apreciava tanto as *coplas* e as *tunas* quanto a música flamenca. Após passar por algumas escolas de músicas e alguns conservatórios onde aprendeu a base do violão clássico, Fernando decidiu se tornar sócio do Clube

Espanhol em São Paulo (Sociedade Hispano-Brasileira de Socorros Mútuos e Recreio), até mesmo por influência paterna. Ali começou o processo de fusão dos ritmos brasileiros, que Fernando já divulgava por meio de sua música, com a música espanhola, principalmente o flamenco.

Segundo Azevedo (1998), a constante "tensão das metrópoles", sejam elas culturais, sejam geográficas, faz com que seus personagens estejam não somente "em um permanente alerta, atentos às contínuas mudanças", mas também atentos ao processo de anacronismo entre o antigo e o moderno, com intenções, inclusive, de recuperar suas raízes. Na música de Fernando de la Rúa, esse processo é notório com a fusão de ritmos como o chorinho, a bossa nova, o samba, o flamenco, as *bulerías*, as *soleás*, as *coplas*, com fortes e reconhecidas influências de artistas antigos e contemporâneos tanto espanhóis quanto brasileiros.

Entre os espanhóis, estão figuras consagradas como Gerardo Núñez, que representa uma forte influência na guitarra flamenca para o país, além de ser um grande exemplo do processo de fusão musical, pois explora outros gêneros como o *rock*, a música clássica e, em particular, o *jazz* (desde os anos 1980), sem deixar de lado o flamenco, além de Paco de Lucía, grande referência para todos os guitarristas flamencos, pelo fato de ter mudado a linguagem flamenca na história da música espanhola. Entre os mais modernos, estão presentes, na música, Fernando Paco de la Cruz, Paco Serrano e Rafael Riqueni. Já entre os brasileiros consagrados que marcaram a música de Fernando de la Rúa, estão Chico Buarque (que, segundo o músico, é a melhor associação da harmonia com a letra), Milton Nascimento e o Clube da Esquina em geral (um movimento musical nascido na década de 1960, em Minas Gerais), Garoto (Anibal Augusto Sardinha) e Guinga. Dos mais contemporâneos, pode-se mencionar Rafael Rabelo (famoso por unir a sensibilidade interpretativa e a técnica, tanto no estilo erudito, choro, flamenco quanto na bossa nova), Armando Costa e Marcos Tardelli (que apresenta outra forma de tocar violão, com outra argumentação e com uma proposta mais moderna dentro da música brasileira).

Definir-se como guitarrista "flamenco-brasileño" para Fernando de la Rúa significa justamente uma fusão, ou seja, tocar um flamenco com influência de elementos da música brasileira, principalmente da bossa nova, do samba e do choro, sendo esta última, segundo ele, um dos estilos mais expressivos no mundo, como o flamenco, sempre em termos violonísticos.

Depois de dez anos trabalhando com o flamenco no Brasil e de alguns anos vivendo na Espanha, Fernando se estabelece em Madri como músico flamenco e começa a sentir uma necessidade de se aproximar da música brasileira novamente. Os motivos são vários, alguns mais pessoais, como a nostalgia, inerente a quem deixa seu país e embarca em uma nova cultura, principalmente quando o país natal emana uma energia contagiante, como é o caso do Brasil, e também por uma necessidade musical, dado que, ao se dedicar a um estilo musical específico, o artista não pode deixar de escutar, conhecer e estudar outros estilos, o que enriquece seu ofício.

Esse estilo próprio e híbrido do artista está refletido no nome de suas últimas apresentações, tanto no Brasil quanto na Espanha, "Nuances", como a que ocorreu no dia 18 de agosto de 2009, no bar Kabul, Consolação, São Paulo. Segundo o artista, "Nuances" é uma maneira de descrever e

representar um pouco dos matizes de cada ritmo e de cada cultura que faz parte de seu repertório e de sua formação (construção) musical e humana.

O que se espera de um músico que, na Espanha, já atuou com nomes do flamenco como La Shica, Antonio Reyes, Pepe Jiménez e Gerardo Nuñez e, no Brasil, entre outros, com a cantora Fortuna, os cantores Roberto Carlos e Fábio Júnior e que, além disso, graças à sua



versatilidade, levou sua música a lugares como Argentina, Holanda, França e Bélgica; é essa grande fusão musical e uma simbiose cultural. Esses aspectos favorecem o artista brasileiro – até mesmo por conta da própria miscigenação étnica de nosso povo, o que o leva a compreender melhor a cultura do outro, que não é tão alheia à sua própria cultura – e também o artista espanhol.

Assim sendo, na expressão cultural de Fernando de la Rúa e de tantos artistas brasileiros, seja na Espanha, seja em qualquer lugar do mundo, nota-se uma capacidade criativa, como resultado de um conhecimento de elementos de sua história e da história do outro. Esse conhecimento de si mesmo é o grande impulso para compreender e aceitar o outro, fazendo com que as distâncias geográficas não sejam o grande problema da vida moderna, mas sim a aquisição de valores humanos como a alteridade.

A fusão cultural, entre outros aspectos, colabora para que isso aconteça. Um exemplo é o apresentado neste texto: pequenas e ao mesmo tempo grandes características da cultura espanhola, como o flamenco, e da cultura brasileira, como o samba e o choro, que levam consigo não só a questão musical, mas também toda a história de um povo, e ajudam, e muito, o ser humano a começar a estreitar as fronteiras da ignorância.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. M. de. Uma idéia de metrópole no século XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 18, n. 35, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01881998000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: ago. 2009.

LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2000.